

Se eu cair,

Joël

Groupe Spéléo

Raimbourg

Bagnols Marcoule

Pico do Inficionado is a quartzite massif about 2000m high, cut by several fissures more than -100m deep, that make any simple walk a not very easy task. This article describes the adventures of a



Daniel Viana

team of cavers that, after crossing Gruta da Bocaina, tried to find their way outside the cave and, after several frustrated attempts to get to the camp site, found themselves in an embarrassing situation.

eu morro...



á dias em que o ânimo nos abandona. Esta manhã do dia 20 de junho foi um desses. Eu não tinha muita vontade de descer ao mundo subterrâneo. A área do Caraga é tão grandiosa que eu queria aproveitá-la ao máximo. Como eu não tinha bateria para fazer filmagem subterrânea, fiz de tudo para ficar na superfície. Gostaria muito de conseguir captar, em vídeo, o lado grandioso do cenário ao redor.

Mas as equipes já estavam formadas. Eu me encontrava no

grupo de Benoît, Jef e Leandro. Nós iríamos prospectar o fundo do cânion a partir de sua segunda entrada da Bocaina no P.40. Ontem eu havia encontrado um acesso que permitia atalhar este poço e chegar até uma janela encontrada dois dias antes, quando estávamos a -300 m na Bocaina.

Seguindo o fundo do cânion nós iríamos prospectar mais abaixo para tentar descobrir uma nova entrada. Ao mesmo tempo, Ezio, Lília, Álvaro e Gabriel fariam o mapeamento exatamente abaixo na

Gruta da Bocaina, onde as equipes anteriores haviam sido detidas por uma passagem estreita.

A partida começou. A progressão seguia um ritmo bastante rápido. Procuramos as passagens avançando sobre blocos enormes em equilíbrio relativamente estável. Depois de termos equipado um abismo de 5 m chegamos de fato à parte baixa do cânion. O avanço foi fácil durante uns 10 m antes de terminar de uma maneira brusca em um obstáculo. Nós estávamos

diante de um novo abismo de uns 10 m. No fundo o piso subia e a fenda se tornava estreita.

A continuação foi encontrada em uma fenda que “saía dos nossos pés” e parecia que descia cerca de 50 m (estimado pelo barulho feito pelas pedras que batiam contra as paredes). A aventura começava, e a excitação estava de volta. Parecia óbvio que nós ultrapassávamos o limite subterrâneo de dois dias anteriores e esperávamos chegar do outro lado da passagem estreita, que nos impedia de progredir. Cientes de tudo isso precisávamos absolutamente recuperar muitas das cordas (na medida de nossas ambições!...).

Eu me encarreguei da tarefa de subir para buscar a corda instalada no P.40 com outras que deveriam ser deixadas juntas pela equipe que faria a travessia desequipando a caverna. Passando perto da janela percebi uma luz 15 m mais abaixo. Era o Jacques que acabava de tirar umas fotos. Ele me explicou que o Ezio tinha encontrado uma continuação e que eles seguiam a topografia “en première”. Eles se preparavam para subir. Desejei-lhes boa sorte no caminho de volta que passava por 300 m de cordas. Precisariam de coragem... Principalmente aqueles que iriam voltar à caverna à meia noite para socorrê-los. Mas isso é uma outra história.

Eu estava então impossibilitado de recuperar a corda. Mas mesmo assim subi o cânion para buscar comida e água. Tendo chegado onde havíamos deixado nossas mochilas, percebi que me encontrava exatamente na posição vertical de meus queridos colegas, que estavam descendo, com prazer, a fenda. A rocha estava completamente podre e as ancoragens se faziam sob blocos suspensos. Depois de 3 spits afixados em um último fracionamento, Benoît enfim encontrou o fundo depois de 65

m de descida. Ele desceu essa fenda cortada por um pequeno poço e parou em um desnível de 5 a 6 m. Várias vezes ele ouviu vozes ao longe. Era o grupo do Ezio que acabava de encontrar a continuação por baixo e continuava a exploração e a topografia.

Considerando que as duas redes se encontravam, decidimos desequipar depressa para ter a chance de voltar ao acampamento antes da noite cair. Não se pode negar que o caminho de volta, no meio desse campo de falhas, é mais simpático com a luz do dia. No caminho de volta ouvimos gritos ao longe. Apesar do eco, o som parecia vir da parte inferior da grande fenda. Só podia ser a equipe do Ezio que havia encontrado uma nova saída.

- Oiiiiiiiiiii... Gritava uma voz de longe.

- Oeiiiiiiiiiii... Respondíamos com prazer.

Este foi um momento magnífico, que não se vive todos os dias. Duas equipes perdidas na parte alta de falhas de uma montanha brasileira, brincando com o eco. Mas esse jogo tinha que acabar, porque estávamos apressados para voltar antes de anoitecer.

- Oiiiiiiiiiii... Grita de novo a voz.

- O que a gente vai fazer?

Não podíamos falar que não tínhamos ouvido nada. Tirei minha mochila e fiz uma manobra para descer rumo à beira da grande falha. Ao mesmo tempo, Benoît passou do outro lado. Eu me aventurei mais longe na língua rochosa separada por duas fendas. Com muita precaução, inclinei-me em cima de 40 m de abismo para tentar enxergar onde nossos amigos estavam.

Benoît me indicou aproximadamente a posição deles. Eles estavam afastados uns 30 m em relação à linha vertical. Eu não podia realmente me aproximar, sem correr muitos riscos.

- Onde vocês estão? O que está acontecendo?

- Aqui!

Eu só vi umas grandes rochas em equilíbrio entre duas paredes na parte baixa da fenda. Graças às vozes adivinhei a presença de Álvaro e Gabriel.

- A gruta termina por uma saída no flanco da montanha. Ezio e Lília voltaram por dentro fazendo a topografia. Precisamos de ajuda para sair daqui.

- Você sabe, não é muito fácil. Não posso chegar em cima de vocês.

- Nós escalamos blocos, mas não podemos mais nos mover. Precisaria escalar, mas não é fácil. Se eu avançar e cair à direita, estou morto. Se eu cair à esquerda, também estou morto.

Eu voltei para discutir com Jef e Benoît. O sol ia em breve desaparecer e nossos amigos não estavam correndo um real perigo. Eles preferiram não se cansar refazendo o caminho de volta por dentro da caverna enquanto uma corda salvadora os pouparia de muitos esforços. De comum acordo decidimos ajudá-los, pelo prazer e por Álvaro, com sua gentileza e seu francês capenga. E como eu ainda não tinha vestido meu equipamento, sentia-me naquela hora com um espírito salvador. Minha motivação vinha do aspecto inesperado e risível da situação.

Jef e Benoît desenrolaram a corda de 100 m para que eu descesse no fundo do cânion. O problema era como poder me aproximar dos refugiados. Era possível descer em uma falha secundária que me permitia pendular uns 10 m para atingir um patamar à meia altura na fenda. Esta passagem, muito aérea, me levaria a escalar rumo aos blocos onde deveria encontrar nossos amigos. Em seguida, era o desconhecido. Na meia-escuridão que começava a se instalar comeci

a descida. Jef me segurou do melhor jeito que pôde (ele podia muito) sem instalar spits. Uma vez no patamar, precisava realizar a pequena escalada. Se eu tivesse caído, não teria morrido 30 m abaixo, mas corria o risco de me arrebentar contra a parede, uma vez que a corda formava uma grande barriga. Com um pouco de concentração, tudo se passaria sem problemas. Na hora H, o fluxo de adrenalina me lembrou as corridas feitas nas rochas, no maciço dos Ecrins, muitos anos atrás. De cima deste grande bloco, aprisionado em cima do abismo, vi a chama vacilante do Álvaro, todo feliz por saber que eu estava perto. Ao mesmo tempo, Benoît cuidou da outra extremidade da corda para torná-la uma corda de segurança. Eu estava então, com tudo o que precisava para Álvaro e Gabriel juntarem-se a mim com toda a segurança. Em equilíbrio, sobre o bloco, os segurei usando a técnica "montanha". Uma vez juntos, a tarefa de Jef consistia em tornar-se o desviador humano lá bem em cima. Tudo estava pronto para a subida segura dos nossos resgatados.

E foi em um belo clarão de lua que nos reencontramos todos felizes, depois dessa pequena aventura que felizmente terminou bem. Nossos amigos, que tinham ouvido nossas vozes, tinham escalado blocos sem poder recuar nem avançar: Como dizia o Álvaro:

- Se eu cair à direita, eu estou morto e, se eu cair à esquerda, também estou morto.

Si je tombe, je suis mort...

Joël Raimbourg
Groupe Spéléo
Bagnols Marcoule

Il est des jours où l'on sent que l'énergie qui nous anime passe par des bas. Ce matin du 20 juin est un de ces jours pour moi. J'ai moyennement envie d'aller sous terre. Le site de Caraga est tellement grandiose que je veux en profiter au maximum. N'ayant pas d'éclairage pour faire de la vidéo sous terre, je vais tout faire pour rester en surface. J'aimerais bien arriver à rendre en vidéo le côté grandiose du décor qui nous entoure.

Bon, les équipes sont faites. Je me mets avec Benoît, Jef et Léandro. Nous allons prospecter le fond du canyon à partir de sa seconde entrée au P40. J'ai repéré hier un accès sans équipement qui permet de shunter ce puits et de se retrouver à la lucarne entrevue deux jours plus tôt lorsque nous étions à -300 m dans Bocaina.

Donc, tout en restant au fond du canyon en surface, nous allons prospecter plus en aval pour essayer de retrouver une issue souterraine. Pendant ce temps, Ezio, Lilia, Alvaro et Gabriel topographient juste en dessous le terminus de la grotte qui s'avère ensuite trop étroite.

Et c'est parti. La progression est assez soutenue. Nous cherchons les passages en progressant sur d'énormes blocs en équilibre assez stable. Après l'équipement d'un P5, nous arrivons réellement dans la partie basse du canyon. La progression est aisée sur quelques dizaines de mètres mais elle se termine rapidement sur un obstacle. Nous sommes en face d'un vide de quelques dizaines de mètres avec le plancher qui remonte en face et la faille qui se resserre.

La suite doit se trouver dans une fracture qui part à nos pieds et qui semble plonger sur plus de 50 mètres, à entendre le bruit des cailloux qui rebondissent sur les parois.

L'aventure recommence, l'excitation revient. Nous avons certainement dépassé le terminus d'il y a deux jours et espérons

nous retrouver de l'autre côté du passage étroit qui nous bloquait.

Avec toutes ces certitudes, il nous faut absolument récupérer beaucoup de cordes (à la mesure de nos ambitions !...).

Je me propose de remonter chercher la corde installée au P40. En effet, une autre équipe doit faire la traversée en sens inverse en retirant tout l'équipement. Elle doit en principe nous laisser quelques cordes disponibles au P40.

De passage près de la lucarne, j'entrevois une lumière 15 mètres



Fendas profundas "rasgam" a montanha dificultando os deslocamentos no Pico do Inficionado.

Foto: Jean François Perret.

plus bas. C'est Jacques qui vient de faire quelques photos. Il m'explique qu'Ezio a trouvé une suite et qu'ils continuent la topo en première. Quant à eux, ils se préparent à remonter en déséquipant la cavité. Je leur souhaite bon courage car bien que me trouvant à dix mètres de distance, je suis à l'extérieur tandis qu'ils ont 300 mètres de cavité à remonter. Et du courage, il en faudra... à ceux qui seront obligés de se rhabiller à minuit pour aller les secourir. Mais ca, c'est une autre histoire !

Donc, me revoilà dans l'impossibilité de récupérer la moindre corde. Qu'à cela ne tienne, je vais tout de même remonter en haut du canyon pour aller chercher de la nourriture et de l'eau. Une fois arrivé ou nous avions laissé nos sacs, je m'aperçois que je suis exactement à l'aplomb de mes chers collègues, lesquels sont en train de se faire plaisir à descendre la faille. Le rocher est complètement pourri et l'équipement se fait sur blocs suspendus. Après trois goujons plantés et un dernier fractio sur «chef», Benoît atteint enfin le fond après environ 65 mètres de descente. Il descend cet amont entrecoupé d'un petit bassin d'eau et s'arrête sur un ressaut de 5 à 6 mètres avec de gros volumes. A plusieurs reprises, il entend au loin parler. C'est l'équipe d'Ezio qui vient de trouver la suite par-dessous et continue la première tout en topographiant.

Considérant que les deux réseaux se rejoignent, nous décidons de déséquiper rapidement pour avoir la chance de revenir au camp avant la nuit. C'est tout de même toujours plus sympathique de retraverser tout ce champ de failles de jour.

Sur le chemin du retour, nous entendons des cris au loin. Malgré l'écho, le son semble bien provenir de cette grande faille, et en aval. Et oui, la grande faille qui est la suite logique de notre cavité en exploration.

Ce ne peut être que l'équipe d'Ezio qui a trouvé une nouvelle sortie de la grotte vers l'extérieur.

- Hoééééé!... lance une voix lointaine.

- Héoooooooo! Répondons nous amusés.

Moment superbe qu'il n'est pas donné de vivre tous les jours. Deux équipes paumées dans les failles sommitales d'une montagne brésilienne jouant à coucou qui est là.

Bon ca va bien un instant mais nous sommes pressés de rentrer avant la nuit.

- Allez, on a assez joué !

- Hoéééééé !... reprend la voix lointaine.

Qu'est-ce qu'on fait ? On ne peut pas dire qu'on ne les a pas entendus. Je pose mon sac à dos et fait demi-tour pour descendre vers le bord de la grande faille. Pendant ce temps, Benoît passe de l'autre côté et se retrouve sur l'autre bord.

Je me dirige au plus loin sur la langue rocheuse séparant deux failles. Avec beaucoup de précautions, je me penche au-dessus des 40 mètres de vide pour tenter d'apercevoir nos amis.

Benoît m'indique approximativement leur position. Ils se trouvent à une trentaine de mètres plus loin par rapport à ma verticale. Je ne peux vraiment pas me rapprocher d'eux sans prendre de grands risques.

- Ou êtes-vous ? Que se passe t-il ?

- Là !

Je ne vois rien que quelques gros rochers en équilibre, coincés dans le bas de la faille. A la voix, je devine leur présence, il y a Alvaro et Gabriel

- La grotte se termine avec une sortie sur le flanc de la montagne. Ezio et Lilia sont en arrière en train de faire la topographie. Aidez-nous à remonter de cette faille.

- Tu sais, ce n'est pas très facile, je ne peux pas arriver au-dessus de vous.

- Nous avons escaladé des blocs mais nous ne pouvons plus bouger. Il faudrait faire une escalade, c'est pas difficile mais si j'avance et si je tombe à droite, je suis mort et si je tombe à gauche, je suis mort aussi.

Je fais demi-tour pour en discuter avec Jef et Benoît. Le soleil va bientôt se coucher et nos amis ne sont pas vraiment en danger. Ils n'ont sûrement pas envie de se fatiguer à refaire le chemin du retour sous terre alors qu'une corde salvatrice leur épargnerait bien des efforts.

D'un commun accord, nous décidons d'y aller pour le fun et pour Alvaro avec sa gentillesse et son français chevrotant. Et puis, n'ayant pas encore enfilé mon équipement de toute la journée, je me

sens à présent une âme de sauveteur. Ma motivation provient en fait de l'aspect inattendu et cocasse de la situation.

Jef et Benoît délovent la corde de 100 mètres pour me permettre la descente au fond du canyon. Le problème est de pouvoir accéder aux réfugiés.

Il est possible de descendre dans une faille secondaire qui me permettra de penduler d'une dizaine de mètres pour atteindre une vire à mi-hauteur, dans la faille. Ce passage très aérien donne accès à une escalade pour remonter vers les blocs ou doivent se trouver nos amis. Ensuite, c'est l'inconnu.

Dans la pénombre qui commence à s'installer, je débute la descente. Jef m'assure du mieux qu'il peut (et il peut beaucoup) sans planter de spit. Arrivé sur la vire, c'est maintenant qu'il faut se décider. Il faut que je franchisse cet obstacle et réalise la petite escalade. Si je tombe, je ne suis pas mort 30 mètres plus bas, mais avec le pendule, je risque de m'écraser contre la paroi.

Un peu de concentration et tout se passe à merveille. Au passage, le flot d'adrénaline me remémore mes courses de rochers faites dans les Ecrins il y a de nombreuses années.

Perché en haut de ce gros bloc coincé au-dessus du vide, je vois la flamme vacillante d'Alvaro tout heureux de me savoir si près.

Pendant ce temps, Benoît s'est occupé de l'autre extrémité de la corde pour en faire une corde d'assurance. Je me retrouve donc avec tout ce qu'il faut pour qu'Alvaro et Gabriel me rejoignent en toute sécurité. Perché en équilibre sur le sommet du bloc, je les assure en technique montagne.

Une fois tout le monde ensemble, il ne reste plus à Jef qu'à tenir le rôle de déviateur humain tout en haut tandis qu'assuré par Benoît, je suis remonté pour mettre le pied entre la corde et la paroi à mi-hauteur. Tout est alors prêt pour une remontée de nos rescapés en toute sécurité.

C'est sous un beau clair de lune que nous nous retrouvons tous, heureux de cette petite aventure qui se termine bien car nos amis ayant entendu nos voix avaient escaladé des blocs sans pouvoir ni reculer ni avancer; et si j'avance et si je tombe à droite, je suis mort, et si je tombe à gauche, je suis mort aussi.